

realização

SESC
RIO DE JANEIRO
www.sescrj.org.br



Exposição Banda d'Além

Homenagear a cidade de Niterói, no mês de seu aniversário, foi a proposta inicial do SESC Niterói para esta exposição. A homenagem se retorce e converte em experimentação, vivência e degustação dessa cidade através do olhar de oito artistas contemporâneos. Essas ações que bem poderiam ser ações cotidianas, quando estimuladas por uma proposta visual, podem vir a revelar lugares ou situações que, por já fazerem parte de nosso ambiente rotineiro, muitas vezes passam despercebidos mesmo por um olhar atento ou uma percepção mais apurada.

O argumento curatorial foi pensar a cidade de Niterói em sua condição atual de espaço urbano e cultural, a fim de perceber como esse contexto reverbera diretamente nas práticas sociais, seja de alguém que se relaciona cotidianamente com a cidade ou de um artista que acaba de conhecê-la.

Aos artistas foi sugerido refletir acerca de três trilhas conceituais e investigativas norteadoras da mostra, que apesar de distintas podem e devem saudavelmente mesclar-se entre si. Abordagens questionadoras da relação entre indivíduo, espaço e lugar.

A proposta foi incitar uma nova maneira de olhar a paisagem ou o que compreendemos como paisagem, e proporcionar encontros com lugares e detalhes da rede urbanística de uma cidade sedutora por seus recantos e encantos naturais, além de apresentar exemplos da arquitetura colonial e moderna. Como em uma expedição, o desafio foi explorar esse município conhecido como "cidade-sorriso" e que, conta a História, foi desejado e fundado pelo cacique tupi Araribóia; serviu de ponto estratégico de defesa da Baía de Guanabara; abrigou a capital do antigo estado do Rio de Janeiro; protagonizou uma das maiores construções rumo à rápida modernização nacional (a Ponte Rio-Niterói) e hoje vive crescente conscientização ecológica que leva à preservação de suas belas praias e reservas de Mata Atlântica e a projetos pioneiros ligados à coleta seletiva de lixo.

Observando por outro viés, esses privilégios naturais são, em sua maioria, ameaçados por um deficiente planejamento urbanístico, que acarreta ocupações irregulares e o processo de favelização das encostas da cidade. Conseqüência de sua ótima localização geográfica – vizinha à cidade do Rio de Janeiro – e de todo o marketing político feito a partir do estandarte de "cidade qualidade de vida", Niterói vive um crescimento populacional carente de infra-estrutura básica e forte especulação imobiliária. A possibilidade de apontar o perfil contraditório da cidade e exercer criticamente a posição de ser artista em um contexto social e cultural como esse também foram traduzidos poeticamente em algumas das obras reunidas nesta exposição.

Analú Cunha

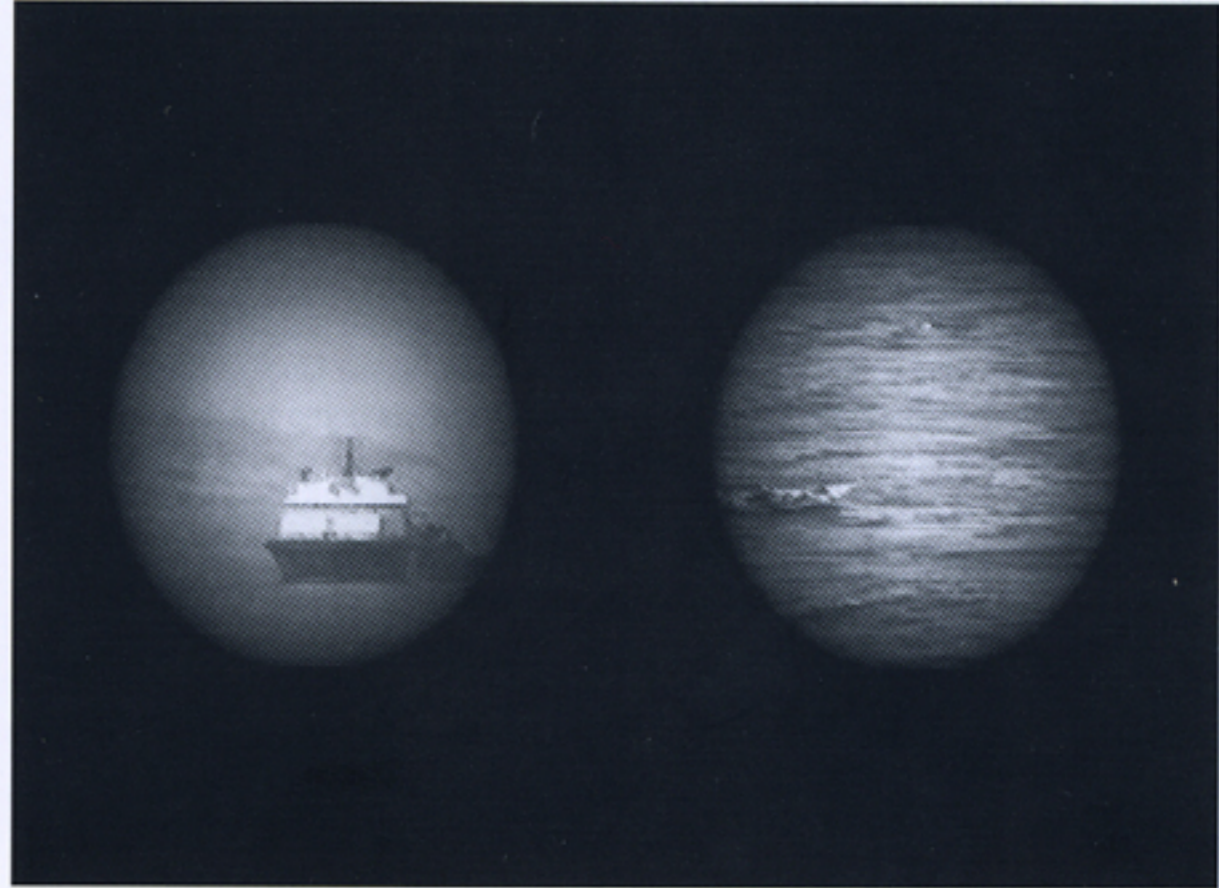
João, a cruz e o horizonte, 2008

João, a cruz e o horizonte é um vídeo de observação: a artista contempla a paisagem e o espectador observa os ângulos definidos por ela.

Duas fortalezas se comunicam visualmente através da Baía de Guanabara. Com o objetivo de proteger um território e atentar para quem se aproxima, os fortes militares de São João e Santa Cruz da Barra carregam hoje em seus canhões e prisões apenas a História. Edificadas em pontos estratégicos que permitem perfeita visão panorâmica da entrada da Baía e localizadas, propositalmente, uma em frente à outra, as fortalezas – das cidades do Rio e de Niterói – foram eleitas por Analú Cunha como pontos de observação para apreender a intimidade dessa paisagem.

Uma espreita a outra, na tentativa de reconhecer seu próprio exemplo através do óculo. Na obra contemplamos a paisagem como se a estivéssemos vendo por meio das frestas para entrada de ar e de luz elemento comum em navios ou habitações antigas, que também servem para o posicionamento de canhões. Esse olhar espião, traduzido pela posição da câmera à deriva, contrasta com a objetividade da busca por algo.

A carga simbólica dos fortes e a apresentação das imagens escolhidas pela artista fazem do vídeo de Analú uma síntese da relação entre essas duas cidades, que se miram constantemente. Neste trabalho, o contínuo, que surge do encontro dos dois horizontes, se torna o alvo a ser atingido.



Cristina Ribas
Dois mares, 2008

Quantificar o processo artístico é o que a artista Cristina Ribas pretende realizar através de sua intervenção no fluxo de trabalho informal. Sua obra propõe uma equivalência de trabalho e remuneração entre uma artista e mulheres que se ocupam da distribuição de folhetos publicitários no centro das cidades do Rio e de Niterói. Cálculos matemáticos de horas de serviço prestado, custo de cada diária de trabalho e pró-labore artístico para esta exposição ditam a quantidade de travessias entre as duas cidades que Cristina deverá fazer.

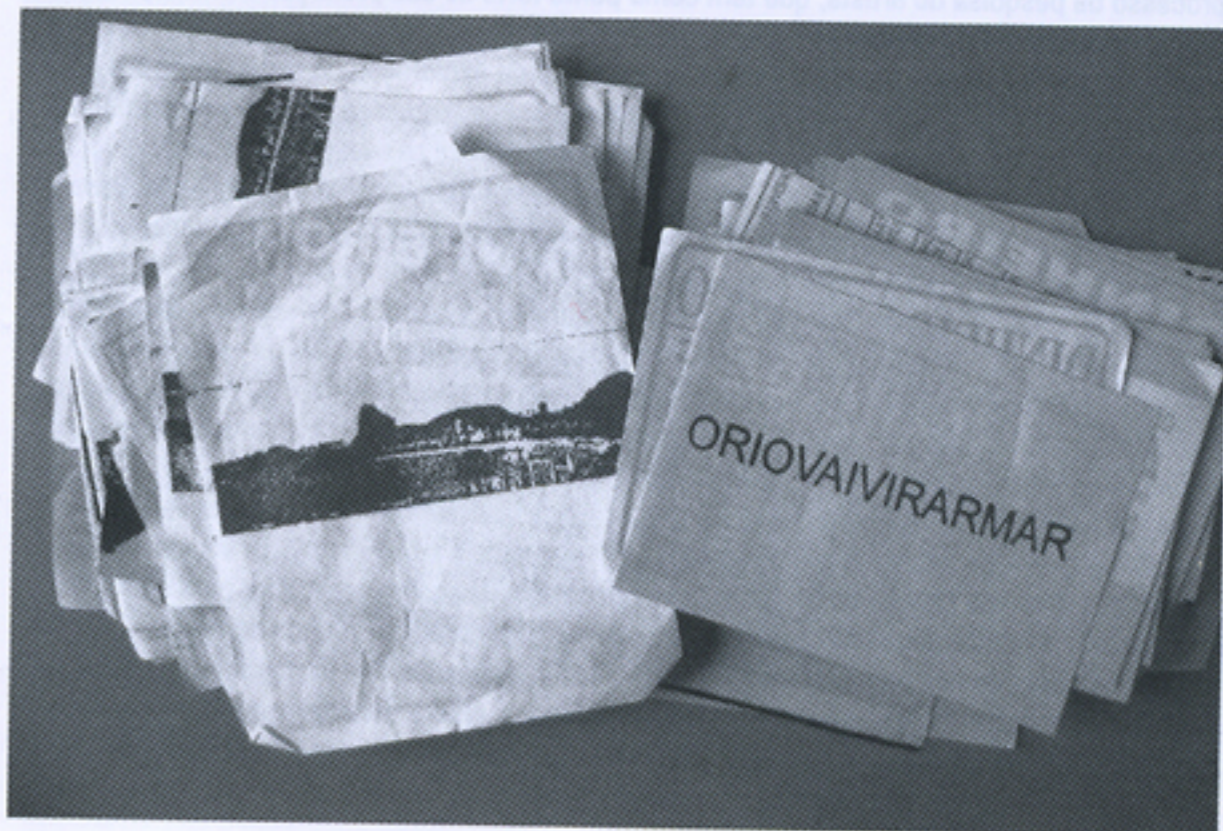
A ação consistiu na troca de folhetos comuns por folhetos carimbados no verso, no decorrer do percurso do centro do Rio ao centro de Niterói. A artista, que vem recolhendo este material há cerca de dois anos, quer infiltrar seu universo poético no labor rotineiro e mecânico dessas mulheres que se tornam invisíveis no caos urbano. Com o desejo (utópico) de livrá-las (mais cedo) dessa função, sua proposta torna-se uma metáfora da possibilidade do artista como trabalhador ativo em uma sociedade.

Como remunerar o processo artístico? Quanto vale o tempo do artista e sua produção imaterial? Estas são questões que a artista deseja levantar através de práticas relacionais com essas personagens urbanas que encenam diariamente proximidade física e distância social.

Dois mares baseia-se em trocas e trânsitos entre pessoas que se situam entre o anonimato e uma multiplicidade de papéis em diferentes círculos, momentos e situações. Atenta a tais atividades singulares e plurais e procurando ler a cidade no tempo-espaço dessas mulheres, a artista busca atingir, por indução, significados mais abrangentes entre\dessas duas cidades.

Cristina Ribas

Dois mares, 2008



Pontogor

Palco/Praça, 2008

No centro da galeria, Pontogor convida o público a sentar e permitir-se relaxar, como em uma praça. Sentir o tempo de uma cidade que o artista só conhece de passagem. A relação de Pontogor com Niterói é através de janelas de ônibus, paisagens que se transformam em imagens, como em uma tela de TV. Seu trabalho – um palco cilíndrico de madeira com uma televisão que exibe um vídeo – deseja capturar o ritmo que o artista idealiza sobre a cidade: "Desenvolvo um trabalho lento, pois para mim Niterói tem um tempo próprio." Sua percepção acerca desse espaço-tempo é capturada através de impressões pessoais sobre os moradores de Niterói. Uma sociedade que anuncia um estilo de vida de grande cidade ao mesmo tempo em que prioriza momentos de tranquilidade e intimidade típicos de uma pequena cidade. Esse *modus vivendi* particular aguça a atenção do artista que possui como bagagem cultural a vida na zona norte do Rio de Janeiro, área caracterizada por uma infinita informação visual e sonora que coexiste com um ritmo social acelerado, e onde poucos se permitem ao lazer.

A praça (ou ilha) imaginada de Pontogor para esta exposição sintetiza a fusão entre a linguagem do artista e seu entendimento de lugar, especificidade e práticas relacionais situacionais que, por sua vez, são reflexos de como uma sociedade é possível como algo continuamente constituído e dissolvido por indivíduos que interagem. Com *Palco/Praça*, Pontogor consegue tocar em alguns temas centrais da experiência urbana como o trânsito, o estrangeiro e a conversa.



Biografias

Analú Cunha

Analú Cunha nasceu em Maceió (AL) em 1964 e, após uma breve passagem pelo Rio Grande do Sul, estabeleceu-se no Rio de Janeiro, onde vive e trabalha. É graduada em Comunicação Visual pela UFRJ, cursou pós-graduação em História da Arte e da Arquitetura no Brasil na PUC-Rio e é mestre em Linguagens Visuais pela Escola de Belas-Artes da UFRJ.

Estudou gravura em metal com Anna Letycia Quadros, xilogravura com Rubem Grilo – ambos no Museu do Ingá, em Niterói (RJ) – e pintura com Aloísio Carvão no MAM-RJ. Atuou no grupo de estudos e produção de palestras Visorama, ao lado de Ricardo Basbaum, Rosângela Rennó, Eduardo Coimbra, Brigida Baltar, Carla Guagliardi e João Modé, entre outros.

Participa de exposições individuais e coletivas desde 1982, em diversas cidades brasileiras e no exterior.

Cristina Ribas

Cristina Ribas nasceu no Rio Grande do Sul, em 1980. Atualmente vive e trabalha no Rio de Janeiro.

Mestre em Artes Visuais pela UERJ (2008), graduou-se em Artes Plásticas, na UFRGS, em Porto Alegre (2004). Desenvolve junto com A Arquivista a pesquisa militante Arquivo de Emergência: Documentação de Eventos de Ruptura. Faz parte do Grupo Laranjas (coletivo situacional formado em 2001, em Porto Alegre). Concebeu o projeto Interações Florestais – Residência Artística Terra UNA com outros artistas. Trabalhou com movimentos sociais e ambientais diretamente na organização de Fóruns Sociais Mundiais entre 2000 e 2005. Na área das artes, recebeu prêmios das instituições Chave Mestra (Rio, 2006), Fundarpe (Recife, 2005) e Museu de Arte da Pampulha (Belo Horizonte, 2003). Integra e realiza exposições individuais e coletivas, e participa de mostras de vídeo e cinema desde 2001. Escreve regularmente sobre arte contemporânea brasileira.

Pontogor

Pontogor, carioca, nasceu em 1981. cursou Pintura na Escola de Belas Artes da UFRJ e frequentou cursos livres da Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Recebeu o prêmio Prodem na Bienal Internacional Siart de 2007, em La Paz, na Bolívia, com a videoperformance Pianos. Há três anos vem se dedicando às linguagens do vídeo e da performance.

Neste ano de 2008 participou do programa de residências 4Territórios, em Brasília, e das exposições coletivas Abre-alas, no Largo das Artes (Rio); Diminuir as distâncias, na Galeria de Arte Casarão, em Viana, (ES), Performance presente futuro, no Oi Futuro (Rio), e Zoation painting: La pintura de broma, no Museo Nacional de Arte de La Paz.

Pelo que se sabe, Niterói é a única cidade brasileira fundada por um índio. O cacique tupi Araribóia recebe de presente essa parte de terra por ter ajudado os portugueses a expulsarem os franceses, que dominavam toda a extensão da Baía de Guanabara. O cacique aceita entrar na briga para reaver sua terra natal, a ilha de Paranapuã, de onde havia sido expulso, anos antes, por representantes da Corte francesa.

Ao ganhar a guerra, o comandante da tropa portuguesa, Mem de Sá, decide ocupar Paranapuã (hoje Ilha do Governador) e concede a Araribóia o poder de escolha para habitar qualquer região da Guanabara. O cacique, sem pensar muito, aponta para o lado de lá da Baía.

Em tupi-guarani, Niterói quer dizer “águas escondidas”, mas antes de toda essa história era conhecida com Banda d'Além.